

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	37.º Anno — XXXVII Volume — N.º 1262	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 de Janeiro de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CRONICA OCCIDENTAL

A proposito de politicas avariadas — surge á teia emaranhada da discussão a lei do divorcio. Em volta do episodio, esgarçam-se as considerações mais estranhas.

Sobre o caso accidental, as vozes erguem-se, diferentes de timbre, diversas de entono, varias de sentido, de tal modo que, habilmente acomodadas á situação e á musica de Offenbach, fariam sucesso de estrondo num proscenio de barraca.

Creaturos pacatos, sisudos, tradicionalistas, de gestos metodos e frases de convicção, verberam com veemencia essa lei revolucionaria que vem lançar entre familias ameaços de desavença e revolver cinzas de miolos raros nas cabeças esturrinhadas da nossa gente.

A' nossa sensibilidade de meridionaes matrimoniaes, que um nada irrita e um pouquinho acalma, a lei do divorcio é um incitamento irresistivel e irremediavel. Para os nossos lares modernissimos, de luxo maximo e minimo conforto, construidos com madeirame e cal viva, essa lei de importação é facho de incendio avassalador que nenhum *Minimax* possivel apaga, por completo. Assim palram creaturos graves, diletantes de harmonias sociaes, amigos da boa ordem e conservação dos estados.

Entanto, ha tambem estes bimanos, caraterisados por enxaquecas de espirito e praticas de vadiagem, que aclamam calorosamente o decreto afonsino por morigerador de costumes e medida higienica de interiores caseiros. Consoante a logica dos seus consi-

deraveis raciocinios, o divorcio seria valvula de segurança no comboio matrimonial que sem ele ameaçaria despenhar-se por barrancos de escabrosidades varias. As opiniões divergem, pois, notavelmente.

Quanto a nós que somos, nestes casos, dum ecleticismo complacente, reconhecemos a todos eles razões e motivos de sobejo.

E basta que se verifique a existencia destas duas correntes adversarias de opiniões, para que a lei do divorcio corresponda a uma necessidade social. De resto, fica ao arbitrio de cada um fazer dela uso e applicação. Na verdade, se corresponde, na pratica a uma necessidade social, ella não significa, em teoria, de modo nenhum,

progresso; mas, a breve trecho, admitil-a-emos, se nos convenceremos, emfim, tranquilos e sorrisonhos, de que progresso não passa de palavra manca de sentido ou opinião de intellectualistas bem-intencionados.

Le monde marche!

E' certo. O mundo caminha. Todavia, abstenhamo-nos de dar á frase vulgar a vulgar interpretação. O caminhar incessavel, interminavel, da humanidade significa simplesmente um dispender de energias amoldadas ás situações e condições do momento. Erga-se o espirito mais e mais, num vôo de arrôjo, nunca poderá transcender o ambiente de poeira que o corpo revolve e espalha da estrada da vida, confusamente. E a poeira redemoinha, eleva-se, ascende, avassala os espaços, dissemina-se pelo infinito e já envolve em sombras o trôno luminosissimo dos deuses...

Desde que a familia começou a ser considerada instituição meramente humana, isenta da consagração suprema, abandonada da bençã divina — immediatamente começaram de dominal-a impetos de instintos e exigencias de egoismo primitivo.

Nesse momento, tomou inicio a desorganização familiar que provoca mais doloroso o equilibrio instavel da sociedade.

Porque, emfim — reconheçamol-o sempre — o culto de Deus era o culto superior da razão.

O reconhecimento duma

Exposição de Aguarela da Sociedade Nacional de Belas-Artes



MEDITANDO — Henrique Casanova

hierarquia social, que é de todo o tempo necessaria, só nol-o podia impor uma religião que fosse motivo de crença incondicional e universal. De contrario, todos os campos por mais bem entrincheirados, são invadidos, em atropelo, em confusão, pelo Maior-Numero — exercito poderosissimo de Incompetentes e Irresponsaveis.

Assim, convergentemente, o sacramento do matrimonio não pôde, nos tempos actuaes, ser reconhecido e a indissolubidade do casamento não tem, pois, razão precisa de existencia. A lei do divorcio é uma consequencia necessaria das condições sociaes do nosso mundo — mundo em dissolução...

Frequentemente, chegam-nos das paragens remotas da provincia, cartas amabilissimas, mensageiras de boas-novas e narrativas de casos pícaros. A par e passo, alguém nos vae enviando a nota fiel e suggestiva das auspiciosas transformações que actua benignamente nos rincões e meios sociaes das Beiras.

A Civilização marcha, lentamente, dominadôramente, abre caminhos largos entre sarças e matagaes cerrados, devasta choças primitivas e ergue pelos barrancos *chalets* acutangulos de atitudes contrafeitas e arestas aggressivas. As moçoilas das serras já não trajam saias de baetilha e capotes de burel. Usam modas da capital e falam pretenciosamente, *á grave*. Suspenderam em repouso a dobadoira e abandonaram os teares da aldeia...

Os moços depuzeram a chaleca e envergam casacos de cinta. Turbulentos por indole, arremessam com desprezo aos cantos da casa os cacêtes ferrados dos avós e liquidam as suas desavenças a tiro...

A provincia está civilisada.

Ali, se reclamam já, com prestigio e vantagem, as conferencias do Registo-Civil e os discursos de senadôres conspicuos, os coiros de Córdova e as aguas da homoeopatia. Ali são acatadas com respeito as leis da Republica e os avisos previos de contribuições successivamente mais onerosas e beneficentes.

Pois, neste momento, chega-nos, da provincia remota, noticia fidelissima que corrobora as nossas afirmações e relata um caso tipico de cumprimento rigoroso da lei benemerita do divorcio. Ha no cumprimento dessa lei, feito em rincões silvestres das Beiras, requinte de tão experimentada execução e intenção de tão vasto alcance que passamos, sem demasias de detalhes, a referil-o meticulosamente, para esclarecimento das gentes e incitamento de patifes.

Por muitos anos e bons, vivia feliz, sem ter muitos filhos nem atilhos que empecessem, um casal recolhido, regaladamente, num cômodo distante da provincia. A senhora era fresca e coradinha, resumbrante e perfumosa, como as camoêsas do seu arcaz.

Filha de proprietarios abastados — tinha garbos de dôna e pretensões honestas de morgadinha. O marido era, de apparencia, luzido e são, mas, de facto, roído de virus maligno surpreendido pelos seus tempos de colegial magano nos bairros de Lisboa. De ano a ano, em vesperas evocativas de carnaval, puxava, meigamente, manhosamente, do braço de sua esposa, trazia-a

às festas da capital, e encerrava-a num quarto alto de hotel e dispendia em bisnagas e bambochata, chorumes e dinheiros devidos exclusivamente, por contratos e escrituras, a essa misera e mesquinha senhora que tinha garbos de dôna e era sumitica por condições de hereditariedade.

Entanto, a esposa sentia-se contente e cativada da afeição exuberante do seu mais-que-tudo e bom marido que a levava, de ano a ano, a Lisboa — terra de maravilha e encantamento, numa época característica de carnaval papalvo e pelintra. Pobre senhora!

O carnaval aproxima-se. Já ouvimos os seus guisos e casquinadas loucas. Já revolteiam nos ares as primeiras poeiras de entrudo. Todavia, não será desta vez, neste ano bemdito da Republica, que ela verá, repoltreada comodamente no seu varandim do hotel, deslisar essa procissão de mascaras e dominós imbecis. Desta vez, ficará resignadamente na sua aldeia e se alguma procissão quizer presenciar, será, mais tarde, na quaresma, do adro da igreja, a procissão do Senhor-dos-Passos — se o senhor regedor a permitir...

Enleada pelas palavras melifluas e concipientes de seu espôso, a misera mulher, de bom acôrdo, ingenuamente, pretendeu o divorcio — e, ao depois, decorridos menses, mais amorosamente, tornou a recuperar o seu cinico amorzinho que tivera o cuidado de inutilisar, de antemão, sem remedio, as escrituras e contratos do casamento primeiro, segundo as quaes, riquezas e renditos a ela pertenceriam sempre, exclusivamente e inalteravelmente...

E, a estas horas de liberdade republicana, o seu mais-que-tudo e bom marido, longe, bem longe, divaga por estranjas, a esbanjar com negligencia, os cruzados que os sôgros amontoaram com economia e esforço.

ANTONIO COBEIRA.



A VITALIANI

Noites de Coímbra e de Lisbôa

1907-1914

São duas datas, filhas de um século só. E vái entre elas, não o salto legendário da cobra da nossa quadra d'amor, mas a derrota do planeta Terra lá pelos desertos absolutos do Infinito, em a caminhada vertiginosa e vesãna de seis anos e pico. Outubro de 907 a Janeiro de 914, — é contar.

A Italia Vitaliani apparecia na *Lusa-Athenas*, na sombra elegíaca da velha Universidade do *Assís* e do *Palito Métrico*.

Naquêl infício de ano lectivo era um talismã egípcio que surgia, sagrado para venturas escolares. Dispersavam-se na atmosfera hialina as saudades longínquas; rompiam clarões de esperanza nos céus da *cidade prisão*, para aí enconchada em laranjais de veludo furta-luz, onde pendem gôtas de oiro olímpico e sóam os mûrmos suspiros das «brandas nymphas do placido Mondego.» Adoçavam em mel pin-dárico as amarguras aforísticas de todos os princípios, entre os quais avulta sobrema-

neira o comêço de ano lectivo em Coímbra, — para os calôiros e namorados melhor que para ninguém.

A ida da Vitaliani á terra dos salgueirais foi um acontecimento de ergastular na excitação derradeira as fibras estésicas da Academia. E a *Briosa* abandonava as redondêzas do Campo da Feira, precipitava-se pelas ruas mediévais ornadas de páginas históricas, lambidas de sombras evocadoras entre arcos e palácios, e despenhava-se para o teatro do *Príncipe Rial*. Corriam os bandos negros, fugazes, a cantarem e a cascalharem, na farândola de silhuêtas de fantasmas, a môça alegria de viver, livres de cabeça, leves de pé.

No teatro as escaleiras da geral trasbordavam. Os vultos de nanquim, moldados nos hábitos académicos, lembravam scênas quinhentistas de Jogos Florais. Camarotes, cheios como corbêlhas de flôres de riquíssima estima divina, carnes palpitantes, côres bem curadas no espectro do Sol, plateia voluteante —, a estridência louca do bem-estar crepitava no nivel democrático da geral.

... Representava-se aquêla noite a *Zazá* ou a *Tosca*, — um poêma de Paixão. A figura soluçante de Italia arrastava-nos num vórtice após si. Sustinha-nos trementes, e prendia-nos de seus olhos como as lagrimas que a Arte da Dôr lhe balançava entre pálpebras e guiava face abaixo. Envôlta em um turbilhão de sêdas claras, imponderáveis que um suspiro ergue em vôo de espumas, a amante ideal movia-se em auréola de nuves de perfume, irradiantes de luz. Sofria, passava, leve como uma bôlide, opaca e amarfanhada como a flôr de magnólia que o vento destrôna, agarra e leva consigo.

Dobrava-se numa súplica, numa préce, debatia-se em mar de lágrimas, e a sua voz cristalina era um vento entre flôres com receio de espalhá-las. Vinha a carícia, soltava-se o vôo claro de um beijo, e éla serenava na paz do Amôr, enchia-se da graça dos bem-aventurados; e abria se-lhe a máscara sensitiva na doçura bondosíssima e sublime, misteriosa e iluminada, das Virgens de Murillo. O gesto dissolvia-o em maré de rosas; a voz era da mansidão da alegria pura, tinha a melodia das alvoradas de um domingo em Maio. Voltavam os transe da tragédia, e a Italia vivia a existencia do canção da fábula; era *lady Macbeth*, ou era *Elsa*, dolorosamente.

As capas caíam no palco em esvoaçamentos de morcêgos antediluvianos, resuscitados para enlouquecerem aquêl esplendor solar da «arte que é mui fidalga e clara.»...

A' safda estava um frio violento. O nevoeiro pesava nas últimas folhas das árvores da Avenida Sá da Bandeira. — «A noite verte um desconsôlo imenso.» — Avenida abaixo corriam com estridôr os carros de socórros dos Bombeiros Municipais. Aquêla massa emergente, talhada para a sensação, foi seguindo para Santa Clara onde abraçava uma fábrica. O nevoeiro adensava sobre o Mondego, e colorira se de vermelho, como vapôres de sangue que cobrissem chacina môr de qualquer *saga* onde se cantasse um Duélo dos Deuses. E atrás daquêl denso véu procurava adivinhar se o corpo branco da Walkyria, cercado pelo Fogo do Destino, e a couraça do heróico Siegfredo em marcha, de durindana em riste, para dissolver no sangue todos os



*A' grande artista Italia Vitaliani
Homenagem de
J. Saavedra Machado
1913*

ITATIA VITALIANI

Presagio



Al pelo ar um sopro de agonia
No silencio da tarde que esmorece,
E julgo ouvir soluços n'uma prece,
A abençoar a Extrema-unção do dia.

Cada nuvem que passa fugidia
Aos meus olhos medrosos aparece
Monstruoso fantasma que enegrece
A tristeza das coisas, doentia.

Em vão se perde o pensamento quando
Pensa em achar uma razão de ser
Da vida que me vai mortificando.

Em vão procura o meu olhar dorido
As sombras infundáveis do Não-ser
Nesse pais do Além desconhecido.

Domitilla de Carvalho.

dragões do Universo. Depois sobresaíam na translucidez da noite as línguas de fogo, enormes labaredas sagradas que lambiam a névoa, crepitantes, a torcerem-se em ráivas de serpente.

A *Vitaliani* appareceu ali. No scenário curto, mas largo de pensamento, com o movimento nervoso que ia, o estalar do brasido, o sinruído de cornetas e apitos, o sussurro chiante e assoprado da água que se escaudava, — a *Italia Vitaliani* era uma visão. O prestígio sobreumano, que conquistára pouco antes, dava-lhe o aspecto divino de Melpómene caída ali, em traje de *boulevard*, para ver uma obra de Vulcano, parente seu.

... Trasanteontem, no Nacional, a Italia despedia-se na Nennele do *Come le Foglie*, e com a morte de Adriana Lecouvreur. O vestibulo deserto, a sala pouco menos, e pôde evocar em sossêgo, com saudade, essa noite de nevoeiro em Coimbra, — 1907.

Luis CHAVES.



PELO MUNDO FÓRA

Jules Claretie, uma das maiores glorias litterarias da França, desapareceu poucos dias antes do fim do anno ultimo, dois meses apoz a sua saída da *Comédie Française*, de que foi administrador durante 28 annos, tendo-o substituído *Albert Carré*.

Claretie nasceu em *Limoges*, a 3 de Dezembro de 1840. Passou a infancia na provincia, ouvindo as historias de sua tia *Limeuil*, que chamava a *Voltaire* — *Monsieur Arouet* — e que morreu com 104 annos. Aos 11 mandaram-no para Paris, entrando para o *Collegio Chaptal* e depois no *Lyceu Bonaparte*. Revelou-se-lhe muito cedo a vocação litteraria, enchendo cadernos de versos, de peças de theatro e de contos, um dos quaes, *Le rocher des fiancés*, appareceu nos *Cinq centimes illustrés*.

Pouco inclinado á sciencia de *Hippocrates*, a cujo estudo sua familia o animava, votou-se de preferencia ao jornalismo. Aos 19 annos collaborou no *Diogene*, e no *Artiste*, de *Assène Houssaye*, no *France*, no *Figaro*. Dedicou-se tambem ao romance escrevendo *Une drôlesse*, que áspertou o grande exito alcançado em 1866 por *Un assassin*, reeditado com o titulo de *Robert Burat*. Por esta obra Claretie conquistou a honra de ser comparado a *Dumas* filho e a *Stendhal*, respectivamente por *Jules Levallois* e *Edmond Texier*.

Dos seus romances citam-se *Brichantean comédien* (1896) e *Le Prince Zilah* (1884).

No theatro citam-se: *Les Mirabeau*, *Monsieur le ministre* (1883).

Em historia merecem referencia: *Les derniers montagnards* (1867), *La Débâcle* (1871), *La France envahie* (1871), *Paris assiégé* (1871).

Distinguuiu-se tambem na critica litteraria e artistica. Em 1888 substituiu *Cuvillier* — *Flemyna Académie Française*. Em Novembro de 1885 havia entrado para administrador geral da *Comédie*, na vaga de *Perrin*. No 25.º anniversario da sua administração, os comediantes da *Casa de Molière* prestaram a Claretie uma grande homenagem, lembrando os seus serviços

às bellas lettras e á *Comédie*, creada por Molière, sancionada por *Luis XIV* e um pouco rebaixada por *Napoleão I*.

A sua obra é enorme. *J. Claretie*, como se vê, cultivou todos os generos litterarios. Morreu com a penna na mão. Estava escrevendo as suas memorias em *Le Journal*. As suas chronicas em *Le Temps* eram altamente apreciadas.

Em terras de *Santa Cruz* falleceu o nosso compatriota, conego *José Joaquim Senna Freitas*, filho do commendador Bernardino José de Senna Freitas e nascido em S. Miguel de Ponta Delgada em 27 de Julho de 1840. Aquelle illustre orador sagrado, fallecido em 21 de Dezembro ultimo, no convento do Carmo da Lapa, no Rio de Janeiro, fez os seus estudos no seminario de Santarem e na nossa Universidade, indo completar os estudos theologicos no Seminario de S. Lazaro, em Paris, onde recebeu ordens sacras.

Entrou na Congregação dos Padres da Missão de S. Vicente de Paula, cujo superior geral o despachou em 1866 para o *Collegio de Caraça* (Brazil) onde regeu a cadeira de philosophia e theologia. Serviu depois como missionario nos sertões da Bahia e do Ceará, voltando enfermo para Portugal em 1877.

Em 1884 voltou ao Brazil e foi nomeado professor de hermeneutica sagrada do Seminario de S. Paulo, onde permaneceu dois annos. Em seguida partiu para *Jundiahy*, onde fundou um collegio que prosperou por algum tempo. Sentindo-se enfermo, foi para o Rio de Janeiro em 1891. Ali exerceu o logar de capellão da *Sociedade de Beneficencia Portuguesa*.

Viveu muitos annos em Portugal, exercendo o magisterio no Porto e em Lisboa. Foi pregador distincto, adversario do *darwinismo* e do *positivismo*, que combateu em conferencias e livros. Collaborou na *Palavra*, *Commercio do Minho* e *Nação*. Escreveu muitos livros de sermões, viagens, e assumptos de polemicas religiosas: — *No presbitero e no templo*; *Os exemplos catholicos*; *A tenda do Mestre Lucas*; *Por agua e por terra*; *A palavra do Semeador*; *Os Lazaristas*; *Os Lazaristas pelo lazarista sr. Ennes*; *A carta e o homem da carta*; *A critica á critica*, etc.

Deixou tambem os *panegiricos* de *Pio IX*, de *José Bonifacio* e de *D. Luis I*, o *perfil de Camillo Castello Branco*, um *estudo biographico de Louis Venillot*, e muitas traducções de livros catholicos.

O rev. Senna Freitas era conego da Sé de Lisboa e emigrára ha tempos para o Rio de Janeiro.

Jaz sepultado no cemiterio de S. João Baptista da capital federal.

Não andam os nossos irmãos do Brazil nada satisfeitos com a situação financeira da sua riquissima patria, que soffre de uma grave crise bancaria, de dolorosas consequencias em todos os Estados. No de S. Paulo contam-se algumas dezenas de falencias. O governo, por seu turno, reduz alguns serviços. Tudo isto é desanimador e doloroso para aquella poderosa nação, cujas prosperidades bem como adversidades nos affectam muito intimamente.

Segundo o *Times*, a exportação de mercadorias do Brazil para Portugal foi, em francos:

Em 1911.....	7 803.520
» 1912.....	3.951.065

A *immigração*, que é um dos mais importantes factores da prosperidade brasileira, vem assim descripta no supplemento do referido jornal londrino:

	1907	1908	1909	1910	1911	1912
Portugal....	25.981	37.628	30.577	30.857	47.493	76.530
Espanha....	0 233	14 862	16 219	20.843	27.141	35 492
Italia.....	18 238	13.873	13.668	13.163	22.914	31.785

ou sejam nos seis annos o total de

248.766 portuguezes
123 792 espanhoes
114.041 italianos.

Fazendo a somma dos immigrados, comprehendendo tambem os *russos*, *turcos* e *arabes*, *allemães*, *francêses*, *japonêses* e outros, chega-se ao total de 652.615, assim repartidos annualmente:

1907.....	67.747
1908.....	64.695
1909.....	85.410
1910.....	88.564
1911.....	135.067
1912.....	180 182

A *immigração* portuguesa no anno findo deve ter ido muito além da de 1912. Mas a situação dos portuguezes em terras brasileiras é agora muito critica, tendo o nosso governo dado providencias aos governadores civis para que impeçam a emigração, punindo severamente os engajadores.

A camara dos deputados da capital federal occupou-se da *trasladição dos restos mortaes do imperador do Brazil*, mostrando, d'uma forma commovente, o espirito rasgadamente tolerante, justiceiro e patriotico d'aquella sympathica nação. E', pois, com indizível prazer que a esse proposito transcrevemos estas nobres palavras com que o illustre deputado sr. *Irineu Machado* enalteceu a memoria de *D. Pedro II*, cujos restos ainda jazem em *S. Vicente de Fora*:

«Nenhuma nação até hoje negou os meios necessarios á prestação de homenagens aos seus homens illustres e poderse-hia considerar aviltado o povo que julgasse possivel a hypothese de se sobreporem, após a morte, as paixões politicas ás virtudes e excelsas qualidades dos cidadãos preclaros.

«Pedro II foi um d'esses homens excepcionaes na historia politica do Brazil, pelo conjuncto de predicados moraes e intellectuaes que d'elle fizeram, durante meio seculo, um imperador cercado de amor pela opinião publica e cujos actos só puderam ser combatidos de modo a impressionar essa opinião, quando a enfermidade lhe affectou o organismo, de maneira a gerar no espirito popular a absoluta convicção de que elle não mais reinava, não mais imperava.

«Só nesse momento o throno se sentiu ameaçado, e é preciso fazer uma recapitulação, uma rememoração do seu largo periodo, para se assignalar que nelle raros foram os momentos de agitação, e que a caracteristica foi uma larga phase de moderação e de justiça.

«Quando nos entregamos hoje á indagação dos costumes, á analyse da moral publica da epocha, não podemos deixar de voltar os olhos cheios de admiração para a memoria de um imperador que collocava acima das proprias ideias dos homens politicos que o rodeavam, dos proprios amigos do throno, a moral-superior até ás qualidades intellectuaes e ás opiniões politicas.

.....
O imperador era feito de tolerancia, de modestia, de bondade e de justiça, e para o seu criterio desinteressado, para o seu criterio simples e chão, valia mais a integridade moral do homem publico do que a côr politica de que elle se revestia.

Não podemos mesmo, estudando o vasto reinado em que sua corôa se impoz á admiração do mundo inteiro, deixar de concluir que elle foi tambem uma larga

phase de prosperidade e desenvolvimento economico do paiz.

E, quando hoje acompanhamos os acontecimentos contemporaneos, devemos ainda experimentar um sentimento de gratidão, recordando a marcha serena e prudente do imperador, ao fomentar o desenvolvimento do Brazil, sem aventuras financeiras.

Pesa-lhe, diz o orador (transcrevemos da *Gazeta de Noticias*) que ao seu coração republicano, irreductivelmente republicano, seja dado vêr que, quando o tempo já tornou unanime o julgamento, na consciencia brazileira, quanto aos sentimentos patrioticos, elevados, de profundo amôr, de lealdade e de dedicacão, com que o imperador serviu a patria, ainda haja espiritos republicanos, que apresentem sophismas, pretextos futeis, objecções que não são oppostas a casos muito mais clamorosos, quando na realidade uma resistencia

d'esta ordem é mais do que o meio de encobrir, hypocritamente, o exaggero da paixão politica, negando-se justiça á memoria do imperador.

Este, porém, é um regimen de opinião, um regimen em que a verdade deve dominar, e o maior titulo que a Republica pôde pretender, para oppôr á realeza, deve ser precisamente o de servir a verdade, o de não denegar justiça, o de julgar com serenidade os proprios adversarios. E no caso ninguem pôde considerar Pedro II um adversario da Republica, um inimigo da democracia; as circumstancias excepcionaes em que viveu, o seu longo reinado de paz, de tolerancia, demonstrou que em todas as reformas liberaes com que o paiz foi dotado, elle, tanto quanto lhe permitia a sua imparcialidade de poder moderador, collaborou sereno.»

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

Exposição de Aguarela

na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Inaugurou-se, dia 7, á noite, sob a presidencia do Chefe do Estado, uma exposiçãõ de aguarela, nos salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Dizer precisamente da impressãõ gratissima que vestigiou no nosso espirito o exame demorado e atento dos numerosos quadros expostos — tal não poderá ser agora o nosso intento. A visita ao palacio da Sociedade foi uma pequenina viagem de êxtase e maravilha.

O deslumbramento que nos projeta em face a arte surpreendente de certos quadros de Mestres, ofusca em nós a visãõ de detalhes minimos e discordantes desta exposiçãõ. Até, expositõres de que seria licito esperar varios desmandos de tintas, souberam manter-se num equilibrio de linha animadôr.

No momento de inauguraçãõ desta exposiçãõ magnifica de Arte, Julio Dantas prendeu, irresistivelmente, a atençaõ da assistencia numerosa e selecta, discursando com proficiencia e brilho, em frase castiga e rutila, sobre o movimento artistico portuguez. Não se trata, disse ele, de solenisar a abertura duma exposiçãõ de aguarela, — mas o inicio de um ano inteiro de vida artistica nacional. Se, com efeito, assim fosse, — não poderia ser mais auspiciosamente iniciado a ano que decorre. Dir-se ía que Portugal vae erguer-se, em breve, dominadõramente, da sua crise de fadiga.

Mas — ai de nós! — factos ocorrem convergentes a entibiar-nos na irresoluçãõ da duvida dolorosissima e alfin não sabemos se essa animaçãõ que por varios campos se esboça confusamente, significa resurgimento efectivo de energias ou prenuncios de morte proxima.

Entanto, ha em nós o direito de crêr, com fé veemente, no futuro do nosso paiz glorioso.

A exposiçãõ de Aguarela, realisada nas salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes, tem o merito altissimo de inculcar vida e esperanças esmrecidas...

De dever, foi consagrada, numa das salas do palacio, carinhosamente, respeitosaente, a obra do distinto aguarelista espanhol, primeiro mestre de aguarelistas portuguezes distintos, Henrique Casanova.

A esse pintor illustre prestamos, neste momento, a homenagem da nossa admiraçãõ e sentimo-nos justamente orgulhosos de ter sido ás paginas da nossa querida Revista — OCCIDENTE — que ele dedicou a sua primeira colaboraçãõ artistica em terras de Portugal. Vindo de

regiões de Espanha, o primeiro abrigo de arte portuguez que o acolheu, foi a Redacção do OCCIDENTE de que faz parte uma preciosa reportagem artistica das Festas do Centenario Camoniano, que a ele exclusivamente se deve.

Os quadros de Henrique Casanova, agora expostos, surpreendem de graça e maravilham pela precisãõ nitida de linhas e colorido. Todos eles merecem uma apreciaçãõ minuciosa e todos eles arrebatam em êxtase de relance.

A Mãe — como é encantadoramente expressiva a atitude de carinho que a detem, e, sobretudo, como é finamente realisada pela nuança do traço e da côr a contextura dos tecidos que a envolvem... Ha riqueza de colorido e detalhes naquella *Interior da catedral d'Avila*. E' profundamente caracterizado aquelle *Tipo de Valenciano*. A aquatinta — *Um frade* — é inegavelmente preciosa e essa tonalidade que nitidamente dá o burel do habito, é inexcédível de precisãõ.

Seria o nosso melhor desejo dizer de cada quadro detalhadamente a impressãõ recebida, mas o tempo urge e pinturas varias aliciam confusamente a nossa atençaõ. Columbano apresenta algumas, raras mas valiosas aguarelas.

A estilisaçãõ fisionomica desse estudo — *Cabeça de mulher* — é excelente.

Ribeiro Christino expõe curiosos apontamentos, como são — Um lado da praça *Rodrigues Lobo em Leiria*, *Runas da Capela da Rocha no Castelo de Leiria*, *Casa antiga na Labrugeira*. Alfredo Roque Gameiro é, incontestavelmente, um Mestre, na aguarela. O ideal que a aquatinta visa sempre. Gameiro atinge-o. Gracioso, espontaneo, fulgurante, o seu pincel de marta é um lindo brinquito de Arte. Quando começamos de olhar os seus quadros — desabrocha nos na alma um sorriso de encanto e desejo feliz de viver. E' que não ha ali uma atitude contrafeita, uma contorsão dolorosa, uma entristecedõra mancha de paisagem. Lindo e límpido — tal é a expressãõ da aguarela de Gameiro.

Os seus postaes exprimem-se com precisãõ.

Já nos quadros de Helena Roque Gameiro imerge fluido vago de nostalgia. Lembra-nos que vimos desta jovem e talentosa pintõra certas tonalidades que nos emocionaram deliciosamente. Eleva-se dos seus estudos uma esperança que mais e mais se confirma.

Alves de Sá é o mago de paisagens perturbadõras — sensibilidade de requinte que a tristeza das coisas prostra religiosamente. A Alberto Sousa apraz a visãõ realista dos costumes e paizagens — e assim poderá tornar-se o melhor comentadôr artistico da vida nacional.

Já não podemos referir-nos a obras de expositõres distintos. João Marques, Raquel Ottolini, Ferreira Quaresma, Carlos Bouvalet, etc., cujos os talentos são brilhantemente confirmados.



CABEÇA DE MULHER (ESTUDO)
Columbano Bordalo Pinheiro



Pateo na rua Castello Picão (Alfama)
Alfredo Roque Gameiro



Rio da Fonte (Aguilva) — *A. Quaresma Junior*



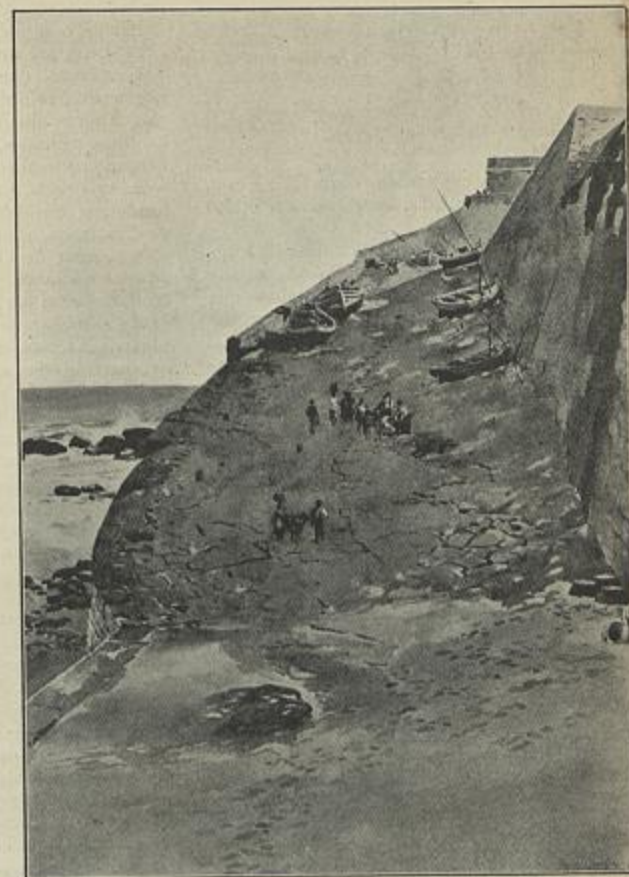
Entre pontes (Queluz) — *A. Quaresma Junior*



Casal velho (Campolide) — *João Marques*



Ruínas do Castello de Leiria — *Ribeiro Christino*



A rampa historica (Ericeira)
Alfredo Roque Gameiro



A horta do Casal do Choupo (Amadora) — *D. Helena Roque Gameiro*



Fonte do Senhor — *João Alves de Sá*



Moinhos nos arredores de Lamego — *Alberto Sousa*

Victor Debsy

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sácaem))

Primeira parte

X

A DÔR DE ORFEO

O presidente Keradeuc e seu filho Yvon, rodeados de artistas, conversavam muito animados.

A's seis horas ainda não começára a representação. O auditorio, collocado na sala Henrique II, esperava. As janellas que deitavam para o valle estavam tapadas para que a obscuridade fosse completa. Steinbaum tinha posto o theatro na extremidade da sala, sobre um grande estrado que se prolongava até ao terrasso. A pequena orchestra, corda, madeira e metalada, sob a direcção de Fombreuse, estava nos seus lugares. Os côros e Lescaurias seu chefe estavam nos bastidores, e as raparigas de Plougasnau que deviam figurar, com a devida permissão do cura.

No entanto, Steinbaum inquietava-se pela demora de Anna! Fombreuse tinha contado ao gravador o acontecimento da manhã. Anna tinha estado todo o dia no seu quarto. Fombreuse bem sabia qual seria a lucta de que ella estava soffrendo. Anna estava elegantemente vestida, e a figura lendaria de *Orfeo* ficava-lhe maravilhosamente.

Steinbaum foi ter com ella, Anna Le Cozan cumprimentou-o de longê e foi para o palco para se deitar sobre o tumulo de Eurydice.

Fombreuse levantou a batuta e a orchestra, com energia, atacou a abertura pouco caracteristica e nada preparadora do drama.

Foi ouvida com indiferença, mas depois do acorde final das trombetas, quando, contrastando pela sua doçura sombria, o quartetto da corda que enchia de tristeza o canto lugubre dos contrabaixos, uma brisa de entusiasmo passou pelo auditorio. O acenario era magnifico, feito á escola moderna, as combinações das tintas tinham uma palidez cheia de doçura. As arvores desenhavam-se com uma vida extraordinaria, parecia realmente uma paisagem verdadeira!

Entrou o cortejo depondo as funebres ofertas sobre o tumulo que Orfeo regava de libações piedosas. Anna, com uma voz sonora, tradusia toda a sua dôr, e a musica chorava dolentemente. Os applausos coroaram todo o acto e Cozan foi chamada muitas vezes.

A condessa de Rudennis, ao terminar o acto, foi com varias senhoras para os lados do palco, mas Lescourias não deixou entrar ninguem, pois Anna não gostava de fallar durante o espectáculo.

— Meu Deus, meu Deus, disse a Maria José no camarim, hoje a senhora está mais afflicta que no dia do concurso do Conservatorio!

Anna fez-lhe signal para se calar.

Na sala não se fallava d'outra coisa, o talento de Anna era muito discutido. Destalbert dizia ao general:

— Temos uma tragica lyrica.

— Já o tinha prophetisado, respondeu o general.

Na verdade, Anna Le Cozan tinha-se revelado uma artista de primeira ordem, desde a voz, até ao gesto e figura, tudo era admiravel!

Houve o signal para o 2.º acto.

A scena era uma maravilha!

Um antro cheio de rochas, vestibulo negro dos Infernos, atravessado por um rio. Aqui e alli, bandos de Furias, cabellos desgrenhados, figuras repelentes, um verdadeiro quadro de Dante!

A orchestra, sob a direcção de Fombreuse, ia traduzindo, de uma fórma suggestiva, toda a natureza do drama. Anna, com a lyra de Orfeo, ia desenvolvendo, atravez das notas da sua voz, todas aquellas harmonias de tristeza que Beethoven devia recordar na sua sublime e dolorosa sonata. Até as proprias Furias estavam encantadas com as notas sublimes da illustre artista. Ella estudára profundamente *Orfeo* até ao ultimo compasso da opera, mas pouco a pouco sob a personalidade mystica se fundia a sua alma torturada.

De aria para aira, Anna Le Cozan ia traduzindo pelo canto toda a dôr de Orfeo, e o entusiasmo do publico ia crescendo cada vez mais.

— Ella soffre quando canta, disse Serafina.

Privilegio das verdadeiras artistas, respondeu o general.

O intervallo prolongou-se, todos estavam impacientes. A condessa de Rodennis não podia comprehender o motivo. A noite tinha chegado, o crepusculo enchia de sombras o valle de S. João. Pelas janellas que já estavam abertas divisava-se o mar n'um ultimo lampejo de luz.

A orchestra tocava o bailado, as flautas pareciam rios a correrem sob as ramas dos salgueiros, os violinos tinham sons dolentes de melancholia. O panno abriu-se e o publico teve a surpresa de ver um scenario natural! O parque de Feunteungoat rervia de téla ao quadro dos Campos Elysios. Sobre os canteiros sombras graciosas moviam-se ao canto das flautas que lhes rythmavam os passos. A lua prateava as clareiras das arvores. Eurydice andava por entre as sombras; sorridente, tinha deixado nas aguas do Léthes recordação da vida. Cantou a felicidade d'este *asilo amavel e tranquillo*. O nome de Orfeo não lhe vinha aos labios. De repente, na solidão d'este bello lugar, Orfeo atravessava o canteiro florido. A lyra, presa na cintura, calára-se. Annunciando a entrada, um canto delicioso se fez ouvir, o qual Destalbert proclamára o precursor da symphonia pastoral de Beethoven. As madeiras, cujas flautas em trilos, misturavam-se aos sons suggestivos dos violinos. Uma enorme ovação levantou todo o auditorio! Anna e orchestra, como os côros, andaram brilhantemente. A condessa de Rudennis quiz que Steinbaum viesse á scena.

— Bravo, bravo, para o scenographo, que genio!

— Levo na minha mente como esboço para um grande quadro, disse Yvon Kerodeuc.

A graciosa paisagem de Feunteungoat ligava-se perfeitamente com a musica evocadora de Gluck. Os acôrdes discretos como a felicidade, d'esta symphonia, tinham destilado uma atmospheria de tranquillias delicias.

Serafina, que veio cumprimentar Fombreuse pela fórma distincta como dirigia a orchestra, estava radiante.

Anna, no palco, enquanto agradecia os applausos, ia analysando aquelle par amoroso que lhe dilacerava a alma. A artista fechou os olhos para não chorar.

— Que palidez, disse Steinbaum, está fatigada?

— Nem sei...

— Agora é chegar até ao fim.

— Resta-me cantar a parte mais dolorosa.

A representação seguiu com o mesmo entusiasmo, o ultimo acto foi então um delirio, Anna Le Cozan soube traduzir todo o sentimento, toda a saudade perante o cadaver da sua Eurydice! O auditorio permanecia como preso pela voz da notavel artista; em um *crescendo* a aria de Cozan elevou-se n'um conjuncto de harmonias admiraveis e quando cantou:

Je succumbe à ma douleur

o publico ficou sob uma impressão imponente de grande Arte. A artista chorava a valer, e Fombreuse, dirigindo a orchestra, teve um momento em que se esqueceu que estava com a batuta na mão.

Steinbaum quiz que a opera finalisasse assim, a obra de Gluck não perderia o seu aspecto tragico; respeitou-se a fabula. O publico chamou pela grande artista, mas o panno não se abria! Destalbert dizia que se todos sahissem silenciosamente, era a melhor maneira de provarem que tinham comprehendido a tragedia lyrica. Mas os applausos continuavam, então Steinbaum afastou o panno e veio dizer que a sr.^a Cozan estava tão fatigada que não podia sahir do seu camarim.

Na verdade, tinham procurado por toda a parte a grande artista, mas esta tinha fugido.

Os convidados deixaram a salla Henrique II, e apenas pensaram na ceia.

— O seu estomago deve sentir-se fraco, depois de tantas emoções musicaes, disse a sr.^a Nervilly.

A sr.^a Laurois acrescentou:

— Minha querida amiga, é como eu, não posso sahir d'um drama do *Ambigu*, sem entrar n'um café para reparar as forças.

— Eu cômo qualquer coisa, respondeu Lescourias.

— Grande goloso! O seu nariz mette-se em toda a parte.

— Minha senhora, não me offenda; então que diz ao grande talento da Cozan? Encarna a arte maravilhosamente.

A condessa de Rudennis pensou logo em ir saber da artista, mas tinha tanto em que pensar, nas honras da mesa, mil afazeres da ultima hora!

— Onde está Anna!! perguntou Serafina a Steinbaum.

— Não está no quarto, disse Maria José, que passava na occasião. Via-a sahir pela porta do jardim; estou com tanto cuidado...

Steinbaum correu logo ao jardim. A noite estava esplendida e um creado pouco dizer-lhe que a tinha visto a caminho de S. João. Elle teve medo, e pensou no mar... Deixando Maria José no castello, o gravador correu a S. João. No caminho encontrou Karl e Franz:

(Continúa.)

PELOS TEATROS

Trindade

A historia da gran-duqueza de Gerolstein

Nunca envelhecerá esta magnifica opera burlesca de Meilhac e Helevy, musica de Offenbach, que ha 46 annos tem deleitado as multidões, passando triumphantemente em diversas epochas por todos os theatros da capital e do Porto, tendo sido até recebida com louco enthusiasmo nos antigos Circo de Price, Colyseu dos Recreios e Real Colyseu!

Esteve em Paris em 1867 o insigne actor José Carlos dos Santos, então empresario do theatro do Principe Real, de sociedade com Pinto Bastos, que deixára a empresa do theatro de Variedades, onde com bom exito explorára as magicas de Joaquim Augusto d'Oliveira, Francisco Palha e por fim, as engraçadissimas de Eduardo Garrido, *Pera de Satanaç* e *Pomba dos ovos d'ouro* que atraíram ao velho pardieiro do Salitre toda a população de Lisboa. Na grande cidade encontrou se um dia o actor Santos com Eduardo Gar-

que o fui encontrar no seu gabinete de trabalho da rua da Vinha, onde então habitava, respirando o aroma da baunilha e da madre-silva que trepavam até o parapeito da janella amplamente aberta para um pequeno jardim e completamente enleado na versão das coplas da *Gran Duqueza* que haviam de cingir-se aos acordes da musica, enriquecidas em chiste, sem desprezo do pensamento original, trabalho em que Eduardo Garrido era eminente.

Ouvi-lhe com prazer alguns dos trechos concluidos e ninguem os comporia com mais fina graça e maior competencia.

A opera sahiu lhe das mãos primorosamente acabada e estreou-se em fins de fevereiro de 1868, abrindo ao publico o gosto pelo genero burlesco que se não cansou ainda de receber com agrado.

Foi depois desse grande exito que Francisco Palha, tendo escripturado para a Trindade, Tasso, Izidoro, Brazão, Delfina e outros artistas para as peças dramaticas, mudou de systema e consagrou todos os seus esforços ao genero alegre. E logo lhe começou a sentir os resultados com o *Barba Azul*, peça dos mesmos autores e maestro da *Gran Duqueza*, que fôra ensaiada admiravelmente no Principe Real por Carlos Santos e a musica por Miguel Gomes e Rio de Carvalho e o

guarda-roupa, fornecido a capricho pela casa Cruz.

O desempenho não podia ser mais completo. O papel da Gran Duqueza coube á graciosa actriz Emilia Letroublon, companheira de Santos, magnifica na alta comedia, e que lhe deu uma interpretação acima de todo o elogio.

A gentileza do seu porte, o sorriso encantador, o tom malicioso das suas palavras, o olhar provocador, penetravam, embriagando o coração do pobre Fritz, que encontrou no actor Menezes tenor de excelente voz, um adorador ufano de tão espontanea e inesperada affeição. Dois actores então muito festejados nos theatros populares, Carlos d'Almeida no principe Cornelio Gil, e Pereira, muito apreciado no rei Caramba, nas Variedades, desempenhando a parte do barão Puch, Antonio Pedro, o idolo n'essa epocha das plateias, no Barão Grog e Faria, o actor modesto no general Brum, houve-se de tal maneira que surpreendeu o proprio Carlos dos Santos, obtendo o mais lisongeiro exito. Muitas pessoas que assistiram á representação da *Gran Duqueza* em Paris, afirmavam que esse artista no desempenho d'aquelle papel, excedia o actor francez que o creou. A parte de Wanda fôra confiada á actriz Fialho que revelou ainda os magnificos dotes que lhe deram celebridade no decrepito theatro da rua dos Condes.

Nunca mais tão bello conjuncto teve essa opera em outras casas de espectáculo.

Hoje, porém, resurgiu na Trindade o encanto que ella despertára na primitiva. Aproveitada habilmente a aquisição que fizera de Judice da Costa, a empresa d'esse theatro, não podia ter confiado o desempenho da *Gran Duqueza* a artista que de melhores dotes dispuzesse para exceder em graça, a sensualidade provocante com que Emilia Letroublon deu o mais notavel realce ao seu papel, desviando a cabeça do lindo militar, a quem concedeu o penacho do comando do seu exercito e o sabre do papá.

Judice da Costa é um verdadeiro portento, na *Gran Duqueza*, não só como artista que comprehendeu perfeitamente o papel que tinha a desempenhar, mas como cantora em que revela a pujança e suavidade da sua excellente voz, que o publico todas as noites applaude estrepitosamente com satisfação.

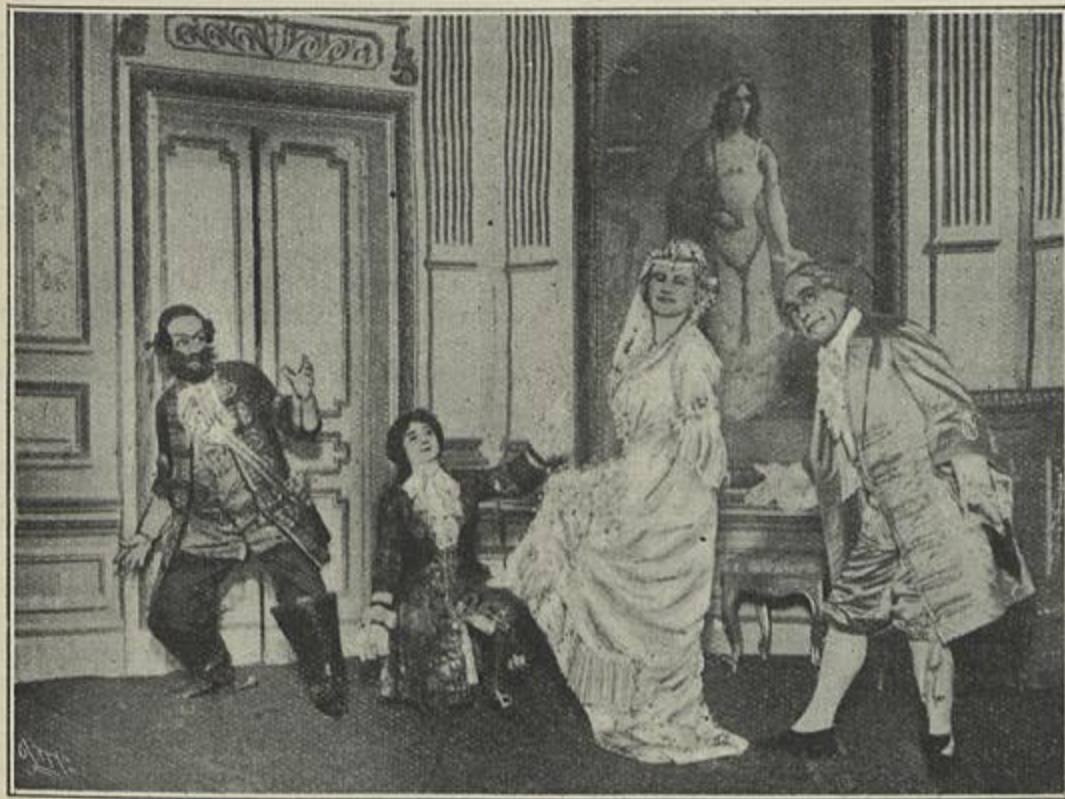
Judice da Costa é cantora consumada. Aprendeu com Melchior Oliver e aperfeçoou-se em Italia.

A sua estreia effectuou-se com geraes demonstrações de agrado em beneficio das victimas do theatro Baquet.

Em 1890 cantou na *Gioconda* em S. Carlos, na parte da cega, sendo recebida com entusiasticos applausos.

Cantou tambem no *Rei de Lahore* com igual exito e da mesma forma percorreu alguns dos mais importantes theatros lyricos da Europa e no do Rio de Janeiro as manifestações de agrado e festivas homenagens, tomaram largas proporções.

FRANCISCO SERRA.



GENERAL BRUM—Gabriel Pratas—PRINCIPE CORNELIO GIL—Auzenda de Oliveira
GRAN-DUQUEZA—Judice da Costa—BARÃO PUCH—Conde

rido, e combinaram assistir á representação da *Gran Duqueza* que estava alcançando extraordinario exito.

Enthusiasmados com a peça e as bellezas da musica, logo se ajustou o Garrido, traduzir a peça e Carlos dos Santos pôl-a em scena no seu theatro, com maximo esplendor.

Foi com as *Pitulas do Diabo*, a *Corôa de Carlos Magno* e as magicas de Garrido, que o theatro do Salitre, sobre a designação de Theatro das Variedades, inaugurado em fevereiro de 1858, por uma sociedade de artistas de que só existem Queiroz e Joaquim d'Almeida e onde crearam nome Izidoro e Antonio Pedro, que vieram a ocupar lugar brilhante em D. Maria entre os artistas de primeira classe, passando depois essa sociedade para a empresa Pinto Basto, começou a chamar todas as noites a concorrência do publico que se não fartava de rir e applaudir as transformações e pilherias com que esses dois artistas mantinham a plateia em constante hilaridade.

O genero passára porém de moda e Pinto Bastos, comprehendeu-o a tempo, passando para o Principe Real, associando se então com o actor mais predilecto do publico, a fim de explorar o genero da opera comica que encontrava em França o mais fervoroso acolhimento.

Para começo, não podiam bater a melhor porta que á de Eduardo Garrido, pois havia exaurido todos os seus recursos no genero decahido e pro-mettia muita galhofa no moderno.

Foi n'uma bella manhã do principio do outono,



WANDA E FRITZ

Parques e jardins de Lisboa

Arboretos

II

Viu-se Lisboa aclamada pela sua maior formosura, ainda quando, em seu desalinho, n'ela mais sorriam as galas naturaez n'um matiz a que a luz meridional imprimia maior brilho e singular encanto, desenhando-a, em seus perfis, alterosa, e, pelas perspectivas dos seus panoramas varios, trazendo cativas as vistas n'este enleio da fisionomia da acropole do Tejo.

Por ahi a Musa, que tantos, tão mimosos e altivos louvores lhe teceu, tambem descortinou jardins onde desabrochavam rosas; que no regaço dos vales sobre os quaes se debruçavam éssas floridas estancias, baloiçavam as corolas dos lirios candidos e das que se tingiam variegadas, e as purpureas papoulas, tambem emblema de Ceres, rompendo por entre a messe de maior primicia na dourada espiga dos trigaes. Aspectos campestres, assim enlaçados aos primeiros e ainda breves traços citadinos, abriam-se ao longo do rio majestoso, soberbo e scintillante.

Aqui e além, se esmaltavam os outeiros, alinhando aqueles panoramas as comas frondosas, os massios viridentes recortando o azul mais puro do céu e contrastando com a alvura de mais ligeiras nuvens nas suas caprichosas ondulações sob uma irradiação mais viva e cariciosa. Jardim meridional!

Assim, a poesia, subjugada por esta formosura, vinha, em seus rasgos e devaneios, elegendo a acropole do Tejo como bem fadada para realizar o pensamento d'uma *cidade-jardim*.

Deparava-se-lhe, já então, esboçada n'umas tantas vivendas mais opulentas, n'essa ampliação decorativa que se delimitava a dentro das *quintas de recreio*, em alguns dos seus trechos mimosas, e por onde se desenrolavam as alamedas em deleitosa sombra, testemunhas mudas de scenas de galanterias, n'aquele palco onde as franças se davam a um acorde de singulares harmonias que, mais tarde, a memoria ainda escutaria na voz da saudade! Alamedas, as d'essas *quintas de recreio*, que o dendroclasta respeitou, e ainda hoje lembram como, no passado, estadearam mundanaes grandezas; se compuseram cortezãos meneios; e discorreram episodios varios que a Historia regista e o estro romantizou fugaz.

Não tinha, porém, Lisboa a decorar-lhe o alteroso panorama das suas sete colinas, aquela expressão da arte que se levanta na linha arquitetural dos grandes monumentos; e, na sua estrutura urbana, escassamente se afirmava o sentimento estético. Que por ele alcançaria sustentar os seus fóros de beleza; atingir a característica de uma alta civilização, e exornar-se para mais facilmente rivalisar com as grandes capitães, n'um contraste simultaneamente belo e util.

A'quele alto pregão dos seus cantores, Lisboa tinha de corresponder, compondo e alindando os seus trechos naturaes mais interessantes sob uma inspiração moderna; e na obra que a engrandecesse e aformoseasse, singular empenho devia ser o seu para que muito realçassem os seus peculiares panoramas e muito sobressaissem as perspectivas, n'uma decoração de fundo das alamedas citadinas, e como que dilatando os terraços e peneplos onde florisssem os seus jardins abertos, e os arboretos graciosos e saneadores fossem trecho de galas perenes.

A lição n'este sentido colhia-se já na renovação das grandes capitães. Dia a dia, ela, ahi, é tratada com maior esmero. E não só n'esses grandes centros da civilização contemporanea e do movimento cosmopolita, senão ainda em varias cidades essa lição brilha com os seus atrativos.

No ultimo meio seculo decorrido, Lisboa dilata-se consideravelmente em superficie, ultrapassando o dobro da que antes media. A dentro dos seus largos contornos vinca-se, com os visos do Monsanto, a frase de Horacio «*rus in urbe*».

Aumenta por outro lado, e muito, em altura, o seu desenvolvimento urbano, que, em varios pontos, se mostra como que acamado, n'uma expressão desgraciosa e aldeã, sobre as cornijas da sua arquitetura melhor definida. Capitula a arte!

Cobre de edificações, de traço mais simples, as encostas das suas varias colinas, d'est'arte transmutando a expressão dos seus panoramas, onde, na policromia de tons que o sol poente ilumina, se oferecem bem diversos do que antes eram os cambiantes, reflectindo agora e logo espelhando os raios da luz com que o horizonte distante se

afogueia ao descair do dia. Mas, por formoso que seja esse brilho, ainda a visão reconhece que se vae apagando o que mais belo surgia n'esses panoramas, sentindo-se ferida pela dureza dos perfis que ahi ora rompem, porque a arte não quiz ou não soube modifica-la recorrendo a uma decoração adequada, qual seria a de terraços e assoteias que os jardins engrinaldassem, e abrindo balcões onde florisssem rosas, e o outono sorrisse com as suas flôres predilectas.

Tudo concita a que se proclame que as singulares perspectivas naturaes de Lisboa devem ser vivamente defendidas, para que no seu aformoseamento ela atinja uma inconfundivel beleza. Tem de escutar esse clamor estetico que, na transformação contemporanea das grandes cidades, vae subjugando as fortes iniciativas que n'isso se empenham. Clamor e iniciativas que desenhavam eloquentes e assinalam sobre o mundo interessantes, para a estetica das cidades, esses tantos efeitos dos seus panoramas naturaes quando harmonicamente entrelaçados á sua estrutura arquitetónica, mais nobre e mais higienica. Dá-lhe realce e encanto a expressão paisagista, tal a que lhe vão dando as alamedas na sua composição mais esmerada, em concordancia com os jardins que em seu desenho e estilo se aprimoram. E aqui sobrelevam os arboretos em que se casam as mais variadas essencias protegendo, com a sua meia-sombra, os tapetes floridos. Essa expressão paisagista que, em seu maior relevo, se assinala nos parques umbrosos, emoldurando as obras da arte em que o cinzel aqueceu o marmore e lhe imprimiu a vida no expressivo das linhas, na grandeza ou na doçura das atitudes, por falar á intelligencia e ao sentimento n'um alto intuito educativo. Que é ainda n'esses parques que bem assentam em seus plinths, os marmores que em sua feição artistica recordam labores com que a humanidade se engrandeceu e, mais particularmente, se assinalou na Historia, pelos seus grandes homens, a existencia, que se conta por seculos, da sua propria nacionalidade.

A arborisação citadina de Lisboa desenvolve-se com a sua renovação. Em varios dos seus trechos, enfloram graciosamente a *urbs*, numerosos jardins.

Mas, para que ela se ostente primorosa no seu manto de *rainha do oceano*, quanto esmero, e que elevada concepção artistica não tem de afirmar-se na sua renovação e no seu aformoseamento?

Urge, mesmo, defender de invasões estreitamente utilitarias os panoramas citadinos. Que tem de confiar-se essa defeza a uma insistente propaganda e sobretudo á inspirada iniciativa dos architectos-paisagistas que por completo abraçando com as vistas do seu criterio mais castigado este singular problema, assim o afirmem na obra que tracem.

E ver-se á, então, que o belo e o util podem surgir em eloquentes traços a par das omnimodas exigencias da civilização em seu incessante progresso.

E no entretanto relanceemos a vista pelos jardins de Lisboa que muito a modernisam na sua fisionomia, relativamente á que se desenhava nos primeiros periodos do seculo pompo amente denominado das luzes e cujo inventario se apurou em 1900.

F. JULIO BORGES.



AS ARTES

Arte e sciencia são as duas grandes revelações do espirito humano, quando devidamente cultivado. Sensibilidade e entendimento, as belas faculdades sobre as quais se firma toda a produção artistica e todo o trabalho scientifico.

Desde a mais remota antiguidade, as fibras mais intimas do coração vibram delicadas e intensas, como as células mais nobres do cérebro se exercitam fecundas e vigorosas.

D'af a architectura, a musica, a pintura, a estatuarria, a eloquencia, a poesia, como a astronomia, a matematica, a filosofia, a medicina, a fisica, a quimica. Nestas duas manifestações da vida psicologica, o homem se eleva acima da animalidade até as regiões do infinito, atravessa como água

o espaço e, de século para século, progride em perfeições estéticas e em descobertas maravilhosas.

Ele, esse sér racional e livre, é o frouxo alento, o fio que se quebra ou o fumo que se esváí, mas tambem será o microcosmo, a imagem e semelhança do seu Criador, como se diz em linguagem biblica; e se, por vezes, tem a fraqueza da argila, tambem, por vezes, terá os fulgores do diamante.

A natureza, pois, o grande scenario, falla-nos com a eloquencia das forças que, no seu seio se revolvem como, igualmente, nos diz com o poder magico da sua obra prima, do sér por excelencia, do soberano da Criação.

Impressionando-se nos mais belos ideais, que preciosos produtos! Como mergulhando-se nas mais graves lucubrações que magnificas obras! Tudo, enfim, para orgulho da humanidade que, um dia, se aniquilará, mas depois de uma vida unica, de merecimentos unicos.

As sombras, que se destacam na vida secular das sociedades e que, na realidade, bastante a maculam, são as naturais imperfeições que lembram não ser o mundo, apenas, a beleza. Manchas, tem-nas o sol, como espinhos, os tem a rosa, por isso, ao lado da austeridade da justiça, se abre o sorriso da benevolencia.

As transgressões da lei moral são as anomalias, as verdadeiras aberrações que, de modo algum, se podem coadunar com os ditames da consciencia que aponta sempre o caminho do bem. Na pratica do acto criminoso, o homem ou é um doente e, portanto, irresponsavel, ou tem que praticar uma violencia contra si proprio, de que o remorso será a eterna punição. Ao passo que a prática da benemerencia é tudo quanto ha de mais natural e em perfeita harmonia com o nosso sér.

O homem sente-se feliz ao seguir as indicações do bem, é o que lhe está, por destino, determinado e repleta-se de jubilo intimo, ufana-se de nobre orgulho, quando atinge o grau supremo da perfeição moral quer com respeito ás manifestações do caracter, quer com referencia ás revelações da imaginação e da intelligencia. E' por isso que a bondade, a arte e a sciencia definem a humanidade, são os seus naturalissimos predicados.

Especialisemos as nossas considerações com respeito ás artes, e perguntemos: Qual das artes é a mais bela, a mais completa, a que mais plenamente satisfaz o espirito? Não será facil a resposta. Em sintese, todas as artes são esplendidas; na analise, é que reside a dificuldade da preferencia.

Todas têm, de certo, apologistas que, respectivamente, lhes dêem a primazia, como terão detractores que lhes apontem as deficiencias.

A architectura, por exemplo, nasceu com o homem obrigado, pela necessidade de se resguardar das intemperies e dos animais ferozes, a construir abrigos que, em progressos de civilização, se fôrnam convertendo em edificios mais confortaveis, imponentes e significativos. Construções civis, militares, religiosas e méramente monumentais revelam as exigencias

físicas e morais dos povos que desaparecem por fim, legando esses preciosos produtos da sua orientação artística que, embora, muitas vezes, desfigurados pela acção destruidora dos tempos, são autenticos subsídios para a historia.

Verdadeira expressão dos sentimentos de alma pelas fórmulas geométricas, a architectura, no entanto, é fria como os seus marmores, muda como as suas abóbadas. Trabalho de régua e compasso, de estudadas simetrias, não nos fala com o calor que nos anime, com o entusiasmo que arrebate. E' de pedra como o sepulcro.

Vaticano, Amiens, Burgos, Batalha são imponencias espectrais, e espectros, de facto, de gerações extintas e, talvez, de sentimentos extintos! Campeiam como gigantes ciprestes no vasto cemiterio da historia. Prendem as nossas atenções por horas; penetramos nos seus recintos; sentimo-nos pequenos sob as suas altissimas arcarias; ás nossas vozes, respondem ecos confusos; aos nossos passos, ruidos misteriosos e, transpondo os seus umbrais, como que nos restituimos á vida, á luz, ao movimento.

Afastamo-nos maravilhados e elas, as estupendas fábricas, lá se ficam no seu imperturbavel silencio, na sua maguada solidão...

Juizo identico se poderá fazer com respeito á escultura.

Menos arrojada e altiva que a arte de construir, é, em compensação, mais delicada e expressiva. Perdendo a sua origem nas trevas do tempo, tem desempenhado a honrosa missão de concretizar ideias e sentimentos, de representar deuses e heróis e, assim, satisfazer nobres aspirações da alma humana, que, dominada pela admiração e reconhecimento, procura perpetuar, pela forma tangível que, melhor, lhe impressione os sentidos, o culto que lhe merecem aqueles que, pela sua superioridade e benemerencias, se elevem acima da vulgaridade. Depois, não é só á imagem ou á estátua que a obra do escultor se reduz; nas ornamentações, nos altos e baixos relêvos, o cinzei immortalisa-se nas mais finas e mimosas realizações; presta os melhores serviços á obra architectonica, alindando-a, duplicando-lhe o merecimento e o interesse.

Qual seria o aspecto dessas amplas paredes, dessas gigantescas colunas, dessas soberbas fachadas de monumentais edificios sem o concurso da escultura?

Que o digam o nosso rendilhado claustro de Belem, o portal e suportes desse vetusto templo que são, sem duvida e sem prejuizo doutros, por ventura, mais celebres, exemplares admiraveis no seu genero.

Ali, borda-se na pedra como no cartão e, em primores de pacientissimo desenho e de difficilimo trabalho, dá-se, ao velho santuario do Restelo, a feição típica do pensamento que simbolisa. E' uma epopeia completa sem que lhe faltem os episodios e os acessórios.

Nas margens do Tejo, a dois passos da barra, ostentando a esfera encimada pela cruz, é o galeão que parte para a aventura dos mares, levando, a bordo, a alma lusitana sequiosa de expansão e repassada de fé. Isto, porém, nos dominios da reminiscencia que nos faz viver no mundo do passado. Hoje, cumprindo a missão de ousado nauta e fervoroso crente, o colosso

manuelino adormeceu com os louros da gloria e com as cinzas dos seus heróis.

Ainda o mesmo juizo, com respeito á insuficiencia da expressão da architectura e da escultura se poderá aplicar, mas consideravelmente modificado, mercê do colorido e dos sons, á pintura e á musica.

Sim, na grande arte de Murilo, temos mais vida. A tela é, incomparavelmente, mais expressiva, que a architectura e a estátua. As côres, os acessórios, os claros-escuros, o fundo do quadro têm uma importancia extrema para a representação, para o destaque do objecto. Com que perfeição, com que concurso de pormenores, o pincel nos não pinta os quadros variadissimos da natureza, as situações diversissimas da vida humana! Quantas e repetidas vezes nos não dá a ilusão da realidade!

A figura como que fala, vê, escuta, sente,

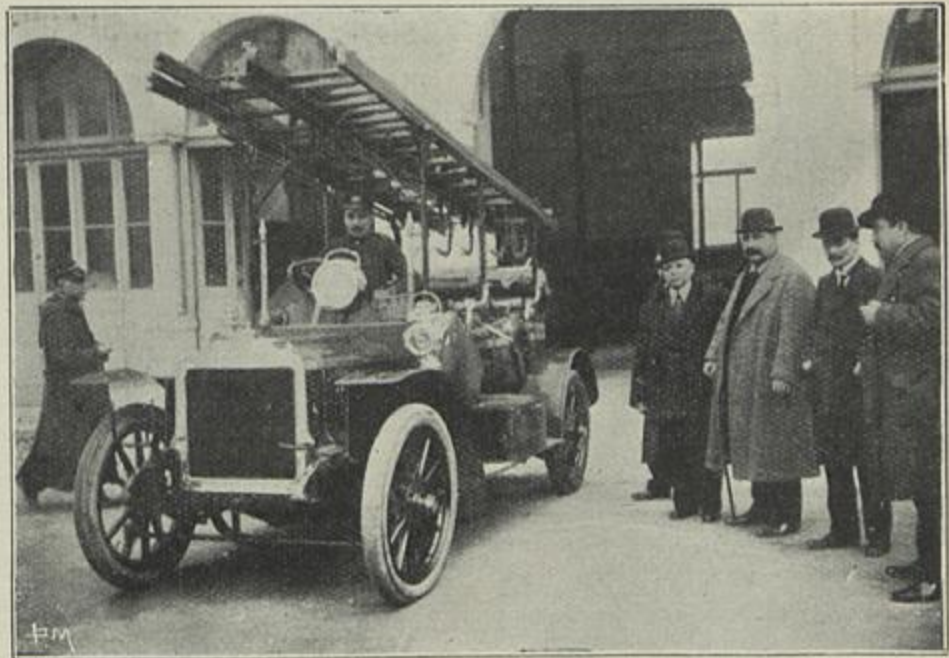
move-se! Impressiona-nos a ponto de nos inspirar temor, como nos seduz a ponto de nos atrair. Os esplendores do firmamento, o verde dos mares, o matiz dos prados, a arvore vestindo-se de folhagem e vergando de frutos, a flôr abrindo as suas pétalas aveludadas, como a ave que ostenta a brilhante plumagem, tudo, enfim, encontra, na palheta do artista, fidelissima, saltitante representação.

Por isso, que amor nos merece a pintura! Ela guarda, em carinhoso relicario, a imagem dos entes queridos, suavizando, assim, a sua cruel ausencia ou a sua lamentavel perda. E haverá, por ventura, recordação mais perfeita, cousa que mais fale á vista e ao coração de que o retrato daqueles que, mais do intimo da nossa alma, estimamos?

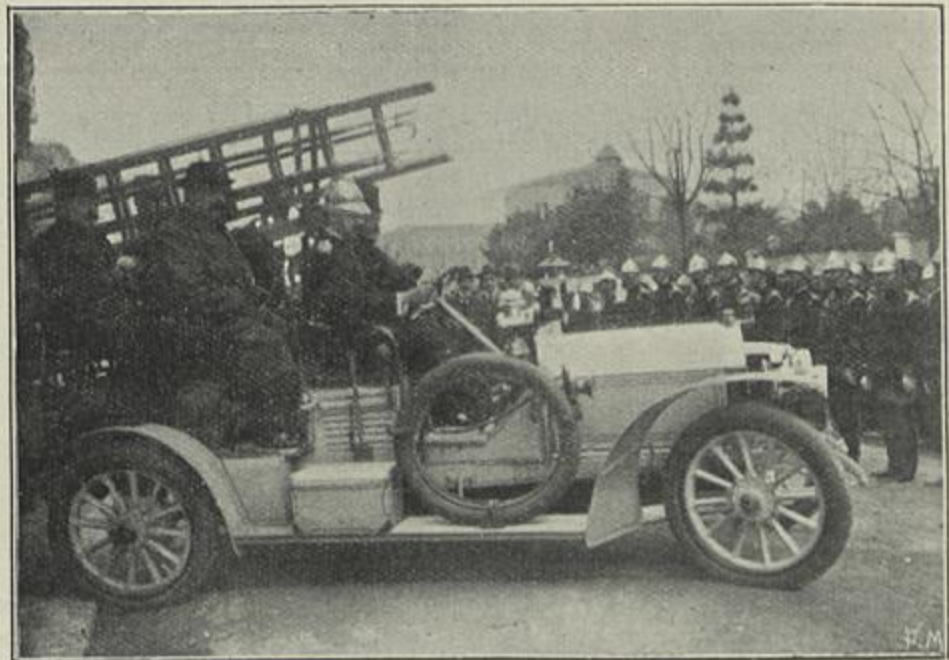
(Continúa.)

DAMASCENO NUNES.

Inauguração do Novo Quartel dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses



VISITA DA COMISSÃO EXECUTIVA DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Sahida do automovel de pronto socorro conduzindo o presidente da comissão executiva da camara sr. dr. Levy Marques da Costa, o novo comandante da corporação, sr. Francisco Carlos Parente, e ajudante, sr. João Gomes da Costa.

A inauguração do novo quartel, na Avenida Duque de Loulé, realisou-se no dia 11 do corrente, sendo os membros da camara recebidos pelo sr. Eduardo Teixeira Pinto Basto, presidente dos voluntarios, João Jancey, comandante da divisão auxiliar sr. Frederico Pinto Basto, Alberto Macieira e o comandante, sr. Saraiva Maia. Fizeram-se varias evoluções com as novas viaturas, manubrando perfeitamente, deixando bem satisfeitos os visitantes que manifestaram suas excelentes impressões, inaltecendo os benemeritos serviços prestados por esta briosa corporação.



RIO DE JANEIRO — O THEATRO MUNICIPAL

PUBLICAÇÕES

A' porta das Armas — por Eduardo de Carvalho — Livraria Ventura Abrantes — 1913.

Como o seu titulo indica sugestivamente — é um livro de impressões escrito por um jovem literato, soldado e jornalista, de intelligencia viva e espontanea linguagem, a quem os minimos episodios da vida de caserna não passaram desapercibidos. Duma leitura simples facilmente se depreheende que o autôr soube com clareza observar e comentar observações com razão e por vezes, com graça.

As ingenuidades lórpas dos magalas, as insolencias dos cabos, as pretenções garbosas dos sargentos — são surpreendidas á evidencia e sublinhadas sorrisonhamente.

De onde a onde, um certo rubro de revolta surge levemente ao lume destas paginas. Mas em breve, ha um sarcasmo que explode, uma gargalhada que bem-dispõe, um riso vincado de ironia que se atenua, aos poucos, um sorriso leve de generosidade e complacencia.

O espirito do jovem-autôr é franco, liberto, desassombrado, experimentado na observação simples dos factos.

O estilo é fluentissimo e correto. Tal é a impressão que o livro, vestigiou no nosso espirito.

A significação da Festa da Arvore. — Alocução proferida em Cucujães, no dia 9 de março de 1913, pelo Prof. A. J. Ferreira da Silva.

Ferreira da Silva, illustre professôr da Faculdade de Sciencias do Porto, fez agora a publicação do seu discurso, proferido, algures, celebrando e historiando o culto da Arvore. Tudo o que a um homem-de-scencia, experimentado e estudioso, pode ocorrer ante a evocação de uma Arvore bemdita que abrolha, cresce e frutifica — Ferreira da Silva nol o diz com autoridade e proficiencia.

Este pequeno folheto é sintese de considerações que longamente se poderiam acumular em volumes multiplos.

Calendarios. — 1914 — A direcção do Sanatorio Sousa Martins — desse magnifico estabelecimento para tratamento das doenças pulmonares, anemia, impaludismo, fraquêsã organica — enviou-nos gentilmente o calendario do ano decorrente. Tambem a importante casa Street & C.ª Li-

mitada nos dirigiu cumprimentos e um calendario deste mesmo ano.

Agradecemos as amaveis ofertas.



O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro, 1913

Barometro — Max. 775^{mm}.4 em 27.

» Min. 755^{mm}.2 em 24.

Termometro — Max. 17° 9 em 8.

» Min. 1° 5 em 19.

A temperatura esteve quasi normal até 18, notando se grande baixa em 19 e 20, sendo n'estes dias, a média, respectivamente, de 3° 0 e 4° 5, elevando-se de novo, de 21 a 24, para descer e se manter baixa até ao fim do mez.

Chuva — 44^{mm}.8 em 8 dias.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 12 dias.

» Ceu nublado 12 dias.

» Ceu encoberto 7 dias.

Horas de sol — 140^h.

Nevoeiro — Frequente durante o mez.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

CAPA 800 RÉIS

Capa e encadernação 1\$200 réis

Ha volumes encadernados para quem quizer completar a coleção

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medilhas d'Ouro em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effiçacia na debilitade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

ALMANAQUE ILUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1914 — PREÇO 100 RÉIS — Pelo correio 120

Está publicado e á venda em todas as principaes livrarias e tabacarias e na provincia em casa dos srs. agentes

Empreza do Occidente — POÇO NOVO — LISBOA